



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CURSO DE PSICOLOGIA – CAMPUS SOBRAL**

**VÁLLERY RODRIGUES DA COSTA**

**COMPREENSÃO E ANÁLISE DA TEMÁTICA DO SUICÍDIO EM OBRAS DA**  
**LITERATURA ROMÂNTICA**

**SOBRAL – 2018**

VÁLLERY RODRIGUES DA COSTA

**COMPREENSÃO E ANÁLISE DA TEMÁTICA DO SUICÍDIO EM OBRAS DA  
LITERATURA ROMÂNTICA**

Trabalho apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará- Campus Sobral como parte dos requisitos para conclusão da graduação.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Arthoni

**SOBRAL – 2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

C876c Costa, Vállery Rodrigues da.  
COMPREENSÃO E ANÁLISE DA TEMÁTICA DO SUICÍDIO EM OBRAS DA  
LITERATURA ROMÂNTICA / Vállery Rodrigues da Costa. – 2018.  
28 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus  
de Sobral, Curso de Psicologia, Sobral, 2018.

Orientação: Prof. Dr. Márcio Arthoni Souto da Rocha.

1. Suicídio. 2. Romantismo. I. Título.

CDD 150

---

## SUMÁRIO

RESUMO .....	4
Introdução.....	5
1. Romantismo enquanto período literário.....	6
2. O Suicídio .....	7
3. Suicídio na Literatura Romântica.....	9
Metodologia .....	10
Discussão .....	14
Resultados.....	21
Considerações Finais .....	26
REFERÊNCIAS: .....	27

## RESUMO

Este trabalho analisou obras de referência do romantismo: *Romeu e Julieta* e *Os sofrimentos do Jovem Werther*, com o intuito de compreender como o suicídio aparece nesse período da literatura. A metodologia utilizada foi qualitativa, tendo como técnica a análise textual discursiva. As unidades de significado encontradas foram três: Idealização, Romantização e Extremismo. As categorias que se desdobraram dessas unidades foram seis, sendo duas para cada unidade, respectivamente: construção da imagem perfeita do ser amado; ideação de um futuro sublime; suicídio como ato natural; o morrer como consequência de amar; tolerância à frustração e o suicídio como único fim plausível. Os metatextos foram elaborados tendo como base as unidades e categorias dispostas. Foi possível compreender neste estudo que o percurso de dor vivido pelos personagens foi transformado em história a ser admirada, daí a ideia de romantização e admiração da morte como algo que demonstraria uma prova de amor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romantismo, Suicídio, Idealização.

## **Introdução**

O suicídio mata cada vez mais pessoas no contexto atual e as discussões sobre o tema permanecem escassas. Este trabalho foi motivado por um episódio que presenciei, em uma escola da rede estadual do município em que resido. Um livro que tratava sobre o tema do suicídio foi retirado da biblioteca depois de ter sido verificado que duas alunas, que constavam na relação de pessoas que leram o livro, terem cometido suicídio. Depois desses dois eventos, a procura pelo livro aumentou bastante e as responsáveis pela escola decidiram retirá-lo do alcance dos alunos.

Esse evento me levou a questionar a eficácia dessa ação, pois, alguns anos depois do acontecimento, outras alunas, da mesma escola, que não leram o livro, também cometeram suicídio e tantos outros idealizaram ou mesmo chegaram a tentar, ou seja, o sofrimento mental e os casos relacionados ao suicídio continuaram presentes no contexto da escola, mesmo após a retirada do livro. Algum tempo depois pude iniciar um estágio voluntário nessa escola. Tinha o intuito de trabalhar práticas preventivas de bullying e suicídio, partindo da questão inicial do quanto poderia ser adoecedor o ambiente escolar, ao ponto de contribuir com esse contexto, algo que pareceu bastante frequente ao longo desse estágio.

A prática de retirar de circulação informações, bem como notícias de suicídio mantém o tema como um tabu, contribuindo para que as pessoas escondam seus sofrimentos pelo medo de serem ridicularizadas (CARLOS & D'AGORD, 2016). Durante o estágio na escola, foi possível perceber que os alunos estavam sedentos por informação, bem como por um espaço onde pudessem falar sobre o sofrimento, nas mais variadas formas. Possivelmente, buscaram o livro, não para cometer suicídio, mas para entender melhor o que pode ter levado colegas a cometerem esse ato, o que mostra o quanto esse tema precisa ser estudado sem preconceitos.

Este trabalho tem como objetivo analisar a relação entre suicídio e literatura romântica e como esse tema aparece em duas obras de referência desse período: “Romeu e Julieta”, de William Shakespeare e “Os sofrimentos do Jovem Werther”, de Johann Wolfgang Von Goethe. Nossa pergunta de partida que nos levou a esse objetivo foi “como é apresentado o tema suicídio nas obras do romantismo?”

## 1. Romantismo enquanto período literário

O Romantismo foi um movimento político, filosófico e literário, que teve início no final do século XVIII e se estendeu pelo século XIX, ao mesmo tempo em que ocorria a revolução Burguesa e a Industrial (RIBEIRO, 2010). A Alemanha foi a primeira a empregar uma conotação crítica e histórica à palavra *romântico*, colocando-a como um estado da poesia e uma atitude em relação à literatura (GUINSBURG, 1978).

A revolução francesa foi um marco que impulsionou o Romantismo e colocou a baila a nova classe que seria então a dominante, a burguesia. Esse novo movimento filosófico e literário que surgira na Inglaterra, na Alemanha e depois se espalhou pela Europa culminou no Brasil, sobretudo, n'um sentimento de nacionalismo e de independência, pois nessa época, o Brasil ainda era colônia de Portugal. (FERREIRA, 2012, p. 2).

No Brasil, o Romantismo não se consolidou de imediato, passou por uma época de transição conhecida como período Pré-romântico, que constitui um conjunto de tendências, temas e ideias com remanescentes do classicismo e do arcadismo, com o acréscimo de novas propostas. O Romantismo propriamente dito, só teve início no Brasil em 1836, com a publicação de *Suspiros Poéticos* de Gonçalves de Magalhães, que pode ser considerado o precursor do romantismo brasileiro (FERREIRA, 2012).

O Romantismo se configura enquanto categoria psicológica como um sentimento que é objeto da ação interior do sujeito, que vai além da condição de estado afetivo e se caracteriza como o sentimento do sentimento, uma categoria que separa e une pontos opostos, que vai da exaltação à melancolia, da confiança ao desespero e da resolução ao caos. O Romantismo fundiu diversas vertentes até então autônomas, indo além da literatura e da arte e abrangendo toda a dimensão cultural (GUINSBURG, 1978).

Esse período se divide em três gerações: a primeira com foco no lirismo e no subjetivismo, onde se percebe o sonho, o exagero e a busca pelo exótico e o inóspito, a segunda geração se apresenta como pessimista centrada em assuntos específicos como a morte, à religiosidade e o naturalismo, por fim, a

terceira geração, a do realismo, que se preocupa em denunciar os males da sociedade (RIBEIRO, 2010).

O movimento romântico apresenta como características principais o individualismo, o subjetivismo, a idealização, o sentimentalismo exacerbado, o egocentrismo, a natureza interagindo com o *eu lírico*, um novo conceito de beleza, o historicismo, o byronismo, o nacionalismo e o orientalismo (RIBEIRO, 2010).

Os romancistas buscavam apresentar aos leitores uma nova perspectiva do mundo, colocando em primeiro plano as questões subjetivas e individuais e valorizando os sentimentos. A preocupação com os males sociais se apresenta de forma intensa quando relacionada a um fator subjetivo do protagonista, da mesma forma, o sentimento nacionalista é posto como consequência de uma vivência individual. Logo, é possível afirmar que o grande foco do romantismo é o sujeito e sua singularidade.

## 2. O Suicídio

O suicídio acontece desde os tempos mais remotos, contudo, os índices nem sempre foram registrados fielmente e os suicidas famosos eram os únicos a se tornarem números oficiais. Logo, é válido discutir como o suicídio foi tratado enquanto questão política e como o Estado trata os suicidas de forma diferente no decorrer dos anos e nas diferentes regiões (SILVA, 2017).

Na Antiga Grécia, o Estado e a comunidade tinham o poder de permitir ou não um suicídio, bem como de induzi-lo, tomando como exemplo Sócrates que foi obrigado a se envenenar. No Egito, quando o dono dos escravos ou o Faraó morriam, os servos deviam ser enterrados junto dos seus senhores, abdicando da vida. Em Roma, o suicídio do senhor era legitimado enquanto o do servo era condenado (SILVA, 2017).

O ato suicida passa a ser totalmente reprimido no século V por Santo Agostinho e pelo Concílio de Arles (452 d.C.), seguido dos Concílios de Orleans, Braga, Toledo, Auxerre, Troyes e Nimes. Com o *Decret de Gatien* o suicídio é condenado teologicamente (SILVA, 2017).

As atitudes tomadas em relação a este tipo de morte ficaram, muitas vezes, a cargo dos poderes religiosos e moralistas, sendo ditadas

sanções que não apenas objetivavam inibir a sua incidência, mas principalmente punir o praticante, sua alma e sua descendência. Na Europa medieval, por exemplo, costumava se castigar o suicida arrastando o seu cadáver com o rosto voltado para o chão. Procedimentos foram elaborados por meio de alguns concílios com a intenção de reduzi-los, destacando-se o de Arles (452), que condenou o suicídio de escravos e servos, considerando-o como prova da ação demoníaca; o de Braga (563), que proíbe a realização de cerimônias cristãs para os suicidas; e o de Nîmes (1284), por ser o primeiro a proibir expressamente a concessão de sepulturas eclesiásticas aos suicidas. (FERREIRA, 2008, p. 2).

O suicídio permaneceu no campo do ilegal até a Revolução Francesa, quando não representou mais ameaça para a estabilidade do Estado, e passou a ser tratado como algo entre o clandestino e o patológico (SILVA, 2017). O suicídio é posto então como obscuro, como algo que não pode ser mostrado, nem discutido. A menção ao ato causa uma inquietação geral, possivelmente pela impossibilidade do sujeito lidar com as consequências de sua própria ação ou pelo fato de ser difícil a interpretação e a compreensão das causas do suicídio (CARLOS & D'AGORD, 2016).

Demarcar uma única causa para o suicídio parece impossível, sendo mais razoável a compreensão do ato como multifatorial, ou seja, o suicídio é resultado do que seriam vários fatores em interação, onde as causas não são independentes entre si, mas um todo inseparável e coeso. Desse modo, é importante a busca pela compreensão das relações que levam ao desejo pela morte, considerando o sentido de tal desejo na vida relacional de cada indivíduo (TEIXEIRA, 2001). Desse modo, é provável que a aversão pelo suicídio possa se dar também pelo medo da culpa, pois quando aumentam as causas aumentam os suspeitos.

O comportamento suicida pode ser dividido em três momentos: ideação suicida, tentativa de suicídio e suicídio consumado. A ideação suicida constitui “o primeiro passo” e aponta que a decisão de tirar a própria vida não acontece de maneira rápida, pois o indivíduo que cometeu suicídio demonstrou em algum momento essa intenção. Logo, o caminho da ideação suicida até o ato em si pode oferecer tempo suficiente para a realização de uma intervenção (BRAGA & DELL'AGLIO, 2013).

Sobre a ideação suicida, é válido ressaltar que ela se apresenta de diversas formas, indo do pensamento na possibilidade de morrer pelas próprias mãos até o planejamento do ato, passando pelos comentários de aversão a

vida ou desejo de morte. Esses comentários se configuram como tentativas de comunicação e exposição da própria dor, que, se ignorados, resultam no suicídio consumado. A tentativa se dá quando o sofrer atingiu seu ápice, quando o indivíduo não vê mais possibilidades de fuga e se encontra em um estado de tormento, ansiando pela paz que o morrer promete.

Deve-se mencionar ainda o conceito de parasuicídio, que pode ser definido como um comportamento não fatal, ou seja, engloba ações que tem a intenção de lesar o sujeito, mas que não chegam à última instância, que seria a morte. Como exemplo pode-se citar o comportamento autolesivo, o uso de álcool e outras drogas, experiências descontroladas na vida sexual, escolha por esportes perigosos, dentre outros (SAMPAIO, AMÂNCIO & OLIVEIRA, 2001).

### 3. Suicídio na Literatura Romântica

Filósofos como Platão, defendem que a filosofia que eleva o homem ao mundo das ideias é como um ensaio para a morte, de modo que estar morto não é visto como um momento de horror. Desse modo, o saber filosófico ensina a não temer a morte, pois a morte é somente do corpo físico que é considerado a prisão da alma, logo, a morte física seria o renascimento e a oportunidade do homem de viver somente pela alma (PLATÃO, 1972 *citado em* VACCARI, 2016).

O suicídio seria então o verdadeiro ato filosófico, a ação para a qual todo filósofo se dirige. Vaccari (2016) discorre sobre o *salto mortale*, um salto para a morte, que para os românticos poderia significar uma imagem da condição trágica em que se encontra o homem e a partir do momento em que ele passa a pensar sobre essa questão a nega e sela um contrato com a morte (VACCARI, 2016). Considerando que “[...] os tempos românticos carregam um verdadeiro fascínio pela morte. Amor e morte se conjugam em íntima relação. Daí deriva a observação de Ariès (1981, p. 446) de que o Romantismo é o ‘tempo das belas mortes’, tempo em que os estertores da agonia foram envelopados pelas imagens sublimes da “doçura narcótica” que se almeja alcançar” (PINHO, 2016, p. 55).

Holderlin fala sobre suicídio como ato de autossacrifício consciente, não como ato de desespero, se distanciando do suicídio de um Werther, de Goethe. Para ele, o suicídio acontece devido a algo maior que o próprio indivíduo, suas particularidades e interesses (VACCARI, 2016). A filosofia se apoia no Mito de Sísifo, no qual Albert Camus afirma que o suicídio é o real problema da filosofia, pois o julgar se a vida vale a pena ser vivida constitui o grande dilema (PETRY, 2012).

O suicídio romântico se assemelha ao suicídio filosófico por apresentar o suicídio como o fim a que o sujeito passa a vida por chegar. Tanto mitos filosóficos como obras românticas tem como ato final o suicídio de seus personagens e muitas vezes aponta-os como heróis. Desse modo afirma-se que “[...] os românticos viram no desejo e no direito do artista de responder ao apelo dos seus sentimentos e de seguir as tendências individuais, uma das principais características do homem moderno” (FERREIRA, 2008, p. 4).

O ato de suicidar-se está diretamente relacionado à literatura, mais especificamente a palavra, pois é por meio dela que é possível expressar os sentimentos humanos, não é a toa que os suicidas sempre deixam bilhetes escritos, com desculpas e explicações. O suicídio está relacionado à palavra tanto como desabafo como quanto reflexão (PETRY, 2012). Especificamente a literatura romântica “[...] inaugurou um novo tipo de sentimentalidade, baseado na impossibilidade de se esquecer dos mortos. Se a morte é a promessa de paz e encerramento suave dos tormentos da vida, para os que ficam a dor da separação é mais deplorável do que a morte em si e a morte de si” (ARIÈS, 1981 *apud* PINHO, 2016, p. 56).

## **Metodologia**

Inicialmente, partiu-se da seguinte pergunta norteadora: “como é apresentado o tema suicídio nas obras do romantismo?”. A partir daí realizou-se a revisão de literatura que consiste em uma busca de artigos para identificar os que são relevantes para a execução do trabalho em questão. Os descritores utilizados na pesquisa foram “Romantismo” e “Suicídio”, a combinação de ambos nas bases de dados apresentou na maioria artigos que relacionassem

ambos, contudo, também surgiram textos que tratassem apenas de um dos descritores, seja ele “Romantismo” ou “Suicídio”.

Os critérios utilizados para a inclusão dos textos foram à prevalência das definições e explicações sobre a época Romântica, bem como as definições de suicídio e a contextualização do mesmo em diferentes épocas e diferentes lugares do mundo. Os textos foram inclusos tendo como critério a relação que faziam entre suicídio e literatura, alguns com mais especificidade, entre suicídio e literatura romântica. Os critérios de exclusão foram a mudança de foco dos textos, caso o texto se propusesse a discorrer sobre suicídio, romantismo ou sobre a relação entre ambos de forma superficial e pouco abrangente, o texto era então descartado. Os textos escolhidos foram todos em português e, no que diz respeito ao tempo, a data de publicação dos mesmos se deu a partir dos anos 2000.

Os artigos foram lidos e analisados para que a discussão adequada fosse feita e para elaborar uma relação entre todos os artigos, tornando possível a coesão da escrita, além dos artigos foram escolhidas duas obras da Literatura Romântica para serem analisadas ao decorrer do trabalho, foram estas “*Os sofrimentos do Jovem Werther*”, de Goethe e “*Romeu e Julieta*”, de Shakespeare, por ambas retratarem o suicídio motivado por amor, mais especificamente por decepção amorosa.

“O aspecto multifacetado [de “*Romeu e Julieta*”] faz com que seja uma obra universal e atemporal, justificando o grande número de traduções, adaptações, montagens teatrais e de dança e versões cinematográficas que dela foram produzidas” (VIEIRA, 2014, p. 25), bem como justifica a escolha dessa obra para este trabalho. A segunda obra, *Os sofrimentos do Jovem Werther*, tem sua escolha justificada por ter sido a obra inaugural do romantismo alemão, publicada por Goethe, em 1774, e por celebrar um amor arrebatador e carregado de obstáculos que resulta em um fim trágico, além de ter os personagens centrais vivendo em grande tormenta e agindo pelo impulso, características indispensáveis das obras românticas (PINHO, 2016) e que também se apresentam em *Romeu e Julieta*. Outro fator que foi considerado para a escolha das obras foi o suicídio presente em ambas. As obras foram lidas uma primeira vez de forma contínua, sem interrupções e a

segunda leitura se deu de forma analítica, com anotações, para que a análise fosse feita de forma detalhada.

A metodologia da pesquisa é qualitativa,

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, p. 21 -22).

A técnica de análise de dados escolhida foi a Análise Textual Discursiva, por esta se dar como um constante agrupamento e reagrupamento de unidades e construção e reconstrução de categorias. Para que seja possível analisar os dados de modo que estes possam ser vistos de diferentes ângulos e resultem em diferentes sentidos, dependendo da perspectiva sob a qual foram analisados (MORAES, 2003).

A Análise Textual Discursiva é composta de três etapas, segundo Moraes e Galiazzi (2006), essas etapas são a unitarização, a categorização e a produção de metatextos. A unitarização é a organização do texto em unidades de significados, ou seja, deve ser feita uma leitura cuidadosa em que o texto lido será recortado e desconstruído pela capacidade de interpretação do autor da pesquisa, de modo que fique presente sua autoria a partir dos dados selecionados. A unitarização permite uma reorganização das ideias do texto e uma reconstrução dos significados apresentados originalmente (MORAES; GALIAZZI, 2006).

*“Romeu e Julieta”* e *“Os sofrimentos do Jovem Werther”* foram lidos pela segunda vez para que fosse possível uma leitura analítica e uma nova perspectiva de alguns elementos das histórias, o texto foi recortado e as unidades de significado definidas foram três: idealização, romantização e extremismo.

A segunda etapa, a categorização, é proposta por Moraes e Galiazzi (2006), como a junção das unidades de significados semelhantes, podendo gerar diversas categorias e subcategorias de análise. O pesquisador pode chegar às categorias pelo método dedutivo, que implica a definição das categorias antes mesmo de examinar os textos, considerando como base as teorias que fundamentam a pesquisa, ou pelo método indutivo, no qual as

categorias resultam da prévia análise dos textos (MORAES, 2003). Moraes (2003) aponta ainda um terceiro método, que vai além da racionalidade linear dos dois métodos anteriores, o método intuitivo, que pretende que as categorias sejam criadas a partir do fenômeno focalizado como um todo, por ideias repentinas que só são possíveis pela impregnação do pesquisador com o fenômeno estudado.

As categorias se caracterizam por três propriedades, sendo a primeira relacionada à validade ou permanência destas, de modo que um conjunto de categorias é válido quando é capaz de representar adequadamente as informações categorizadas. A segunda propriedade diz respeito à homogeneidade, ou seja, as categorias de um mesmo conjunto devem seguir os mesmos princípios, mesmos conceitos e perspectivas. Por fim, a terceira propriedade se refere a “exclusão mútua” que afirma que uma mesma unidade pode ser classificada em diferentes categorias, de modo que pode apresentar diversos sentidos devido as inúmeras leituras dos textos e as diferentes perspectivas sob as quais as unidades podem ser vistas (MORAES, 2003).

A elaboração das categorias se deu pelo método indutivo, de modo que as categorias foram estabelecidas após uma prévia análise dos livros. Para a unidade de significado Idealização, as categorias foram a “Construção da imagem perfeita do ser amado” e a “Ideação de um futuro sublime”, para a Romantização, as categorias foram “Suicídio como ato natural” e “O morrer como consequência de amar”, e para a unidade de significado Extremismo, a “Tolerância à Frustração” e “Suicídio como único fim plausível”. As categorias seguiram as propriedades citadas por Moraes (2003), da validade, homogeneidade e “exclusão mútua”.

A terceira etapa da Análise Textual Discursiva é a produção dos metatextos. O pesquisador irá produzir argumentos para cada categoria e elaborar argumentos para aglutinar o todo, de modo que seja possível a compreensão desse todo. Os metatextos são construídos a partir de descrição e interpretação, e sua validade depende, principalmente, de o pesquisador assumir-se como autor de seus argumentos (MORAES, 2003). Os metatextos foram criados a partir dos trechos dos livros selecionados para justificar as

categorias, cada categoria possui um metatexto e os argumentos para justificá-lo.

## Discussão

UNIDADES DE SIGNIFICADO	CATEGORIAS
1- Idealização	1. Construção da imagem perfeita do ser amado; 2. Ideação de um futuro sublime;
2- Romantização	3. Suicídio como ato nobre e natural; 4. O morrer como consequência de amar;
3- Extremismo	5. Tolerância à frustração; 6. Suicídio como único fim plausível.

A Idealização é apresentada aqui como a ilusão de perfeição, muito presente nas obras selecionadas, tanto do parceiro como do futuro que os heróis desejavam ao lado dos seres amados. A pessoa é absorvida por completo pela ilusão de felicidade ao lado de seu par (COSTA, 2005). Digo ilusão devido à necessidade de ir contra as regras vigentes para que esse amor pudesse ser vivido, o que na maioria das vezes não era eficaz, e resultava em grande frustração e extremo sofrimento dos heróis românticos.

O amor romântico permite ao ser que ama o reconhecimento de toda sua singularidade e unicidade, de modo que qualquer referência ao coletivo ou a comunidade perde a importância quando posta ao lado do ideal de amor romântico. Esse amor é representado como síntese de ideais espirituais e sensuais, fundindo o amor platônico, a mística cristã e o amor cortesão (COSTA, 2005).

As categorias derivadas dessa unidade de significado se mostram presentes tanto na obra de Goethe como na obra de Shakespeare. A “Construção da imagem perfeita do ser amado”, primeira categoria, é claramente apresentada em “*Os sofrimentos do Jovem Werther*” quando, ainda no primeiro livro, na carta encaminhada a Wilhelm, datada de 16 de junho, Werther afirma “Conheci uma das mais amáveis criaturas. Estou contente e feliz [...] Um anjo! [...] E, mesmo assim, não tenho condições de lhe dizer o quanto ela é perfeita, por que ela é perfeita; resumindo: ela tomou conta de meus sentidos.” (p. 29). E continuando em Werther, agora em 16 de julho: “[...]”

sua inocência, sua alma tão pura [...] Ela me é sagrada [...] Ela sabe escolher a hora certa, que, muitas vezes, é aquele momento em que eu gostaria de meter uma bala na minha cabeça! O desvio e a escuridão de minh'alma se dissipam, e volto a respirar com mais liberdade.” (p. 47-48).

No segundo livro, Werther continua sua idolatria por Charlotte, acreditando que ela é a única que preencherá sua vida, na carta datada de 19 de outubro ele afirma “[...] se você pudesse apertá-la contra esse coração, esse vazio seria preenchido.” (p. 94) e novamente em 27 de outubro “[...] o sentimento por ela tudo engole [...] sem ela tudo se transforma em nada.” (p. 95).

Em “Romeu e Julieta”, a primeira categoria é também claramente vista, primeiro quando Romeu fala de Rosalina no primeiro ato, cena um: “Ela não se deixa atingir pela flecha de Eros. Possui a sabedoria de Diana [...] Ela é belíssima, discreta demais [...]” (p. 36-37). Romeu continua a falar de Rosalina na segunda cena do primeiro ato: “O sol, que tudo vê, nunca viu outra semelhante desde a aurora dos tempos.” (p. 41).

Na cena cinco do primeiro ato, Romeu muda o alvo de sua idolatria e passa a referir-se a Julieta como imagem de perfeição: “Oh! Ela deve ensinar às tochas como devem brilhar esplendidamente! Dir-se-ia que pende da face da noite como rica joia da orelha de um etíope! Beleza riquíssima para ser usada e cara demais para a terra! Como nívea pomba entre corvos, assim aparece àquela dama no meio de suas companheiras.” (p. 51). Passando para o segundo ato, Romeu continua seu culto e admiração à Julieta: “É o Oriente e Julieta é o Sol! Surge, claro sol, e mata a lua cheia de inveja, já doente e pálida de desgosto, vendo que tu, sua serva, és bem mais bela do que ela!” (p. 59). Na cena seis, Julieta também expressa sua idolatria a Romeu: “Meu verdadeiro amor cresceu até o excesso, de tal modo que não mais posso somar a metade de meu tesouro.” (p.83).

A segunda categoria, “Ideação de um futuro sublime”, é encontrada na obra de Goethe quando em carta datada de 19 de junho, Werther demonstra sua satisfação com a promessa de rever Charlotte, claramente nutrindo esperanças de um futuro entre os dois: “Então a deixei com o pedido de poder vê-la ainda naquele dia; ela concordou, e eu voltei: e desde então Sol, Lua e estrelas podem seguir sua atividade, porque eu não sei quando é dia ou

noite, e o mundo inteiro se perde ao meu redor.” (p. 37). Novamente em 13 de julho: “Não, não estou enganando a mim mesmo! Leio nos olhos negros dela um real interesse por mim e meu destino.” (p. 47).

Em 10 de setembro, Werther idealiza outro futuro, um em que ele possa viver sem Charlotte: “Agora serei capaz de suportar tudo. Não a verei mais!” (p. 64). Contudo, mediante sua decisão de partir, ainda na carta de 10 de setembro, Werther relata sua despedida de Charlotte e sua esperança de estar novamente com ela: “[...] Vamos rever-nos, disse eu, vamos nos reencontrar-nos, e dentre todos haveremos de nos reconhecer. Eu vou.” (p. 68).

Na obra de Shakespeare, a segunda categoria é vista pela primeira vez na segunda cena do segundo ato, quando Julieta espera a resposta de Romeu sobre o futuro dos dois: “Se teus pensamentos de amor são honestos e teu fim o matrimônio, envia amanhã, por intermédio de uma pessoa que procurarei mandar-te, uma palavra dizendo onde e a que horas queres que se verifique a cerimônia e colocarei minha sorte a teus pés, seguindo-te pelo mundo afora como meu dono e senhor.” (p. 64). Na terceira cena, Frei Lourenço expressa sua esperança de que o futuro seja melhor que o presente após o casamento de Romeu e Julieta: “Ajudar-te-ei por uma razão: esta aliança pode ser proveitosa, mudando em puro afeto o rancor de vossas famílias.” (p. 69). Na cena de número quatro, Romeu manda informar Julieta dos planos para os dois, encenando mais um momento de esperança e ideação do futuro: “Dize-lhe que descubra alguma razão para ir esta tarde confessar-se e lá, na cela de frei Lourenço, o próprio nos confessará e casará.” (p. 78).

Na cena três do terceiro ato, Frei Lourenço expressa um plano para que o futuro de Romeu e Julieta ainda exista: “Vai procurar teu amor como estava decidido; sobe ao seu quarto e dá-lhe consolação. Mas procura não ficar até a hora em que põem a guarda, pois, então, não podereis partir para Mântua, onde permanecerás até que encontremos uma ocasião propícia para tornar público vosso matrimônio, reconciliar vossas famílias, conseguir o perdão do príncipe e chamar-te para que voltes com vinte mil vezes mais alegria do que gemidos que soltas ao partires.” (p. 102). Na quinta cena,

Romeu dá esperanças à Julieta: “E todas estas dores servirão de motivo para doces conversas nos tempos vindouros.” (p. 106).

No quarto ato, na primeira cena, frei Lourenço explica pra Julieta mais um plano para salvar o amor dela e de Romeu: “Ele e eu velaremos juntos o teu despertar até que voltes à vida e, nessa mesma noite, Romeu te levará para Mântua. Assim, livrar-te-ás dessa iminente desonra.” (p. 119).

As categorias até agora explanadas nos levam a compreender que a idealização está intrinsecamente ligada ao amor romântico, de modo que os seres apaixonados veem os alvos de seu amor como imagens de pura perfeição e são levados a planejar formas de futuro em que possam viver esse amor. Independente das regras que vigoram, buscam diversas alternativas para que esse futuro se concretize, contudo, como já dito acima, na maioria das vezes as tentativas são frustradas, daí o conceito de idealização estar relacionado à ilusão nessa pesquisa.

A segunda unidade de significado foi a Romantização. A palavra Romantização, segundo o dicionário da língua portuguesa de Silveira Bueno (2007), significa tornar romântico; contar em forma de romance, fantasiar. E foi trabalhada aqui sob a perspectiva de que as obras românticas, especificamente “*Romeu e Julieta*” e “*Os sofrimentos do Jovem Werther*”, apresentam a morte sob a ótica da naturalidade e da nobreza. Há uma romantização do morrer no sentido de transformar o matar-se em algo natural e aceitável, de transformar o suicida em herói e exemplo, transformando o percurso de dor que levou o personagem ao suicídio em história a ser admirada, em outras palavras, há um processo de fantasiar a dor.

A terceira categoria, criada a partir dessa unidade de significado foi o “Suicídio como ato nobre e natural” e é vista na história do Jovem Werther, em Carta datada de 12 de agosto, quando Werther relata uma conversa que teve com Albert, marido de Charlotte sobre o suicídio: “A natureza humana [...] tem seus limites: ela pode suportar um certo grau de alegria, sofrimento, dores, mas sucumbe se ultrapassar esse limite. Portanto, aqui não vem ao caso se alguém é fraco ou forte, mas até onde é capaz de suportar os seus sofrimentos, sejam eles morais ou físicos [...] Você concordará comigo que chamamos de doença da morte aquela em que a natureza é tão atacada que parte de suas forças é

consumida, parte é neutralizada, de tal maneira que não há recuperação, e não é possível reconstituir o curso normal da vida com uma revolução feliz.” (p. 57).

E em carta de 15 de novembro, Werther expressa seu sofrimento ao escrever: “[...] E por que deveria envergonhar-me, no terrível momento em que todo o meu ser oscila entre existir e não existir, já que o passado, como um raio, ilumina os abismos sombrios do futuro? E tudo ao meu redor desaba, e o mundo se acaba comigo?” (p. 97).

“*Romeu e Julieta*” retrata a terceira categoria quando na terceira cena do quinto ato, Romeu está prestes a cometer suicídio e afirma cometê-lo por Julieta, pondo sua ação como nobre, por acompanhar a amada ao mundo da morte: “Aqui estabelecerei minha eterna morada para libertar esta carne, farta do mundo, do jugo do mau influxo das estrelas!...Olhos, olhai uma derradeira vez! Braços, daí vosso último abraço! E vós, ó lábios! Portas da vida, com um legítimo beijo selai o pacto infinito com a morte devoradora! Vem, amargo condutor! Vem, guia repugnante! Tu, desesperado piloto, lança enfim sobre o recife escarpado tua barca exaurida, farta de navegar! Por minha amada!” (p. 138).

Na primeira cena do quarto ato, Julieta é quem expressa sua “nobreza” ao decidir cometer suicídio caso seja obrigada a casar-se com Páris, em conversa com o Frei Lourenço, ela afirma: “[...] coisas todas elas que, ouvindo-as, aterrorizavam-me e o farei sem temor nem vacilação alguma para viver esposa imaculada do meu doce amor.” (p. 118).

A quarta categoria, criada a partir da unidade de significado Romantização, foi “O morrer como consequência de amar” que é encontrada em “*Os sofrimentos do Jovem Werther*” quando em 18 de agosto Werther escreve: “[...] Por que o que faz o homem feliz pode tornar-se a fonte de sua dor? Todo o ardente sentimento de meu coração pela natureza que vive, que me inundava com tanto deleite, que fazia que o mundo se tornasse um paraíso, transformou-se agora num suplício insuportável, um espírito atormentador que me persegue por toda parte.” (p. 60). Esse trecho não explicita necessariamente o morrer, mas o sofrer como consequência de amar, sofrer esse que não deixa de se encaminhar para a morte.

Contudo, nos momentos finais de Werther, ao receber as pistolas que pediu emprestada a Albert, marido de Charlotte, ele escreve: “Elas

passaram pelas suas mãos, você tirou-lhes o pé; beijei-as mil vezes, pois você as tocou: e você, espírito celestial, favorece minha decisão! E você, Lotte, me entrega o instrumento, você, de cujas mãos desejaria receber a morte e , ah!, agora a recebo.” (p. 130). Essa passagem expressa de forma literal o que a categoria se propõe, na concepção de Werther, Charlotte, o alvo de seu amor, o levou a morte, entregando-o o instrumento para sua destruição.

Em “*Romeu e Julieta*”, a quarta categoria aparece na cena seis do segundo ato, quando Romeu roga ao frei Lourenço que realize o casamento do primeiro com Julieta, independente do que acontecerá depois, mesmo a morte não importa, sendo fundamental somente que estejam unidos pelo laço matrimonial: “Juntai nossas mãos com santas palavras e que então a morte, devoradora do amor, aja como quiser! Basta-me poder chamá-la de minha.” (p. 82). Na cena cinco do terceiro ato, Romeu tenta deixar o quarto de Julieta e esta tenta impedi-lo por saber que tardará a vê-lo novamente, e este expressa preferir a morte a contraria a amada: “Meu desejo de ficar vence minha vontade de partir!...Vem, morte e sê bem-vinda!” (p. 105). Romeu e Julieta tinham consciência de que a morte poderia ser o fim de um deles ou de ambos, devido à guerra que se desenrolava entre as famílias, os amantes sabiam que o amor deles poderia ser também a ruína dos dois.

Por fim, na cena três do quarto ato, Julieta bebe o veneno oferecido por frei Lourenço para enganar a família e o noivo e assim poder ser feliz com Romeu, contudo, a mesma não sabe quais as propriedades do veneno, mas não teme por sua vida, por amar Romeu, prefere morrer a viver sem ele: “Já vou, Romeu! Bebo isto em tua intenção!” (p. 123).

A terceira e última unidade de significado, Extremismo, que segundo o dicionário é a doutrina que preconiza soluções extremas para resolver os males sociais (BUENO, 2007). É tratada nessa pesquisa como a tendência a decisões extremas dos personagens românticos, ou seja, em grande sofrimento, com baixa tolerância a frustração, os personagens chegam a inquietantes decisões para dar fim aos seus pesares.

A quinta categoria, “Tolerância à frustração”, é retratada em “*Os sofrimentos do Jovem Werther*” quando Werther erra os passos de dança por se ver perturbado e distraído ao ouvir Charlotte dizer: “Albert é um homem sério, de quem estou praticamente noiva.” (p. 34), fato que o mesmo já

conhecia, mas se viu extremamente atingido ao ouvi-lo de Lotte. Continuando nas informações sobre o noivo do Lotte, Werther escreve em 13 de julho que “[...] quando ela fala do noivo, com tamanho calor e amor -, é como se eu fosse alguém que perdesse todas as honras e dignidades, e de quem se tomou a espada.” (p. 47). Ouvir Lotte falar de Albert era motivo de grande frustração a qual Werther não conseguia tolerar.

Em 21 de agosto, Werther continua com seu pesar: “[...] quando então, ainda na vertigem do semissono, tateio procurando-a e assim desperto – uma torrente de lágrimas irrompe de meu coração oprimido, e choro sem consolo, pensando no futuro sombrio que se avizinha.” (p. 62). Bem como em 10 de setembro: “[...] me joguei no chão, chorei tudo que tinha de chorar [...]” (p. 68). Ao tomar consciência da impossibilidade de viver um amor com Charlotte, Werther se desespera cada vez mais.

“Tolerância à frustração” aparece em *“Romeu e Julieta”* quando no quarto ato, na primeira cena, Julieta exclama: “Não há esperança, não há remédio, não há socorro! [...] Quero morrer se o que ides dizer não menciona o remédio!” (p. 117-118). Julieta está frustrada por ter que se casar com Páris e recorre ao frei Lourenço para que aponte uma saída para tamanha condenação.

Por fim, a sexta e última categoria, “Suicídio como único fim plausível”, é visto na obra de Goethe quando em 12 de dezembro, Werther escreve: “Ah, de braços abertos, diante do abismo, respirava fitando as profundezas! E me perdi na volúpia de ali precipitar meus tormentos, meu sofrimento! Bramando até lá como as ondas! [...] Como gostaria de ter renunciado à minha existência e rasgar as nuvens e sublevar as águas em companhia daquele vento!” (p. 109-110). E em 14 de dezembro: “Nada desejo, nada exijo. Seria melhor que me fosse.” (p. 110). Werther se vê em demasiado sofrimento por não poder ter Charlotte e caminha para a decisão final de sua vida, para ele, o suicídio seria a única solução possível para acabar com sua dor.

Werther toma sua decisão, planeja sua morte e em seu último dia escreve: “Pela última vez, pois, pela última vez abro estes olhos. Ah, eles não verão mais o sol, coberto agora por um dia turvo, enevoadado. Chore o seu luto, natureza! Seu filho, seu amigo, seu amante aproxima-se do fim [...]” (p. 126).

Em *“Romeu e Julieta”*, a sexta categoria aparece no terceiro ato, na cena cinco, quando Julieta afirma: “Irei ver o frade para pedir-lhe um remédio e, se tudo me abandonar, eu mesma terei o poder de morrer.” (p. 113). E no quarto ato, cena um: “Se em vossa sabedoria não podeis auxiliar-me, aprovai ao menos minha determinação! E com este punhal acabarei de imediato com minha alma!” (p. 117-118). Julieta, assim como Werther, acredita que o único fim possível para acabar com sua dor é a morte, dentre as opções que tem para seu futuro, se não puder ter Romeu, ela está disposta a cometer suicídio.

Do mesmo modo, Romeu, na primeira cena do quinto ato, afirma após saber da suposta morte de Julieta: “Bem Julieta, esta noite descansarei contigo!...Procuremos os meios! [...] dá-me uma dose de veneno, uma substância tão forte que, difundindo-se por todas as veias, caia morto quem, farto da vida, a beba e faça sair a alma do corpo com tamanha violência quanto a pólvora inflamada rápida se precipita fora do bojo fatal de um canhão! [...] Vem cordial e não veneno, vem comigo para o túmulo de Julieta. Lá deverei servir-me de ti.” (p. 132-133). Romeu, assim como Julieta, sob a perspectiva de não poderem ficar juntos, também decide que o único futuro que o aguarda é nos braços da morte. Romeu sorve o veneno que comprou do boticário no túmulo de Julieta sem saber que a amada estava participando de um plano, de modo que não estava realmente morta, ao acordar e se deparar com o corpo inerte de Romeu, Julieta reafirma sua decisão de cometer suicídio se a opção for ficar sem Romeu: “Esta é a tua bainha! Enferruja-te aqui e deixa-me falecer!” (p. 140).

## **Resultados**

*“Romeu e Julieta”* e *“Os sofrimentos do Jovem Werther”* são obras que combinam o ideal romântico e o sofrimento, que são características comuns às obras da época romântica. Contudo, apesar de tais características serem usuais nessas obras, este trabalho se propõe a estudar o extremismo desse sofrimento, ou seja, o suicídio como consequência do sofrimento que o

amor, ou a falta dele, trazem, fazendo uso das unidades de significado Idealização, Romantização e Extremismo, e das suas respectivas categorias.

Para analisar os resultados a que chegamos após a análise das obras, temos que nos ater às seis categorias, derivadas das unidades de significado, que são: Construção da imagem perfeita do ser amado; Ideação de um futuro sublime; Suicídio como ato nobre e natural; O morrer como consequência de amar; Tolerância à frustração e Suicídio como único fim plausível.

1. Primeira categoria: “Construção da imagem perfeita do ser amado”:

“[...] sua inocência, sua alma tão pura [...] Ela me é sagrada [...] Um anjo! [...] E, mesmo assim, não tenho condições de lhe dizer o quanto ela é perfeita, por que ela é perfeita; resumindo: ela tomou conta de meus sentidos. Oh! Ela deve ensinar às tochas como devem brilhar esplendidamente! Dir-se-ia que pende da face da noite como rica joia da orelha de um etíope! Beleza riquíssima para ser usada e cara demais para a terra! Como nívea pomba entre corvos, assim aparece àquela dama no meio de suas companheiras.”

Werther e Romeu têm a imagem de suas damas relacionadas à extrema perfeição, as colocam em lugares sagrados e compreendem que a beleza delas está acima de qualquer outra possível beleza na terra. Dessa divinização do ser amado, surge o sentimento do inalcançável que porventura se conseguiu alcançar e quando o ser divino é novamente perdido a frustração consome os heróis românticos de tal modo que os faz se relegar à insignificância que atribuíam a si mesmos antes desse amor avassalador. Agora com mais desprezo por si próprios, por terem alcançado a plenitude e a perdido em seguida. No caso de Werther, a vivência do amor com Charlotte nunca foi uma opção possível, mas para Werther havia esperança, e essa esperança se assemelhava a certeza de Romeu de que Julieta também o amava.

2. Segunda categoria: “Ideação de um futuro sublime”:

“Não, não estou enganando a mim mesmo! Leio nos olhos negros dela um real interesse por mim e meu destino. E todas estas dores servirão de motivo para doces conversas nos tempos vindouros.”

Werther, Romeu e Julieta acreditavam que poderiam ser felizes, que conseguiriam transpassar as regras que impunham a eles a impossibilidade de viverem o amor que sentiam e essa crença se transforma em mais um motivo para a frustração desses personagens. Assim como a frustração pela separação ou perda da pessoa amada, a perda do futuro feliz que sonhavam os faz reduzir a própria vida a intenso sofrimento. As expectativas de nossos heróis eram grandes, como assim também é o seu desapontamento ao perceberem que a felicidade lhes foi negada.

3. Terceira categoria: “Suicídio como ato nobre e natural”:

“[...] E por que deveria envergonhar-me, no terrível momento em que todo o meu ser oscila entre existir e não existir, já que o passado, como um raio, ilumina os abismos sombrios do futuro? E tudo ao meu redor desaba, e o mundo se acaba comigo? Vem, amargo condutor! Vem, guia repugnante! Tu, desesperado piloto, lança enfim sobre o recife escarpado tua barca exaurida, farta de navegar! Por minha amada! [...] coisas todas elas que, ouvindo-as, aterrorizavam-me e o farei sem temor nem vacilação alguma para viver esposa imaculada do meu doce amor.”

Werther, ao ter cada vez mais clara a impossibilidade de seu amor por Charlotte, se questiona com frequência por que deveria se envergonhar de desejar a morte. Bem como Romeu e Julieta que ao perceberem para onde seu futuro se encaminha resolvem buscar meios para a morte sem preocupar-se com a repercussão de seus atos. Werther coloca o suicídio no lugar de natural, de ato comum e esperado, considerando as circunstâncias em que se encontrava já Romeu e Julieta colocam o suicídio como ato nobre, por o realizarem em nome do outro. Julieta para continuar esposa imaculada de Romeu, e Romeu para seguir Julieta ao mundo dos mortos. Nossos três heróis românticos usam o amor que sentem para justificar a decisão de deixar o mundo dos vivos, contudo, ao analisar o contexto em que ambos viviam, fica claro que a perda da pessoa amada constitui apenas mais uma tragédia.

4. Quarta categoria: “O morrer como consequência de amar”:

“Elas passaram pelas suas mãos, você tirou-lhes o pó; beijei-as mil vezes, pois você as tocou: e você, espírito celestial, favorece minha decisão! E

“você, Lotte, me entrega o instrumento, você, de cujas mãos desejaria receber a morte e, ah!, agora a recebo. [...] Juntai nossas mãos com santas palavras e que então a morte, devoradora do amor, aja como quiser! Basta-me poder chamá-la de minha. [...] Meu desejo de ficar vence minha vontade de partir!...Vem, morte e sê bem-vinda!”

Werther conserva o sentido literal da categoria ao afirmar que das mãos de Charlotte ele recebe a morte, quando Romeu e Julieta, inicialmente, apenas tem consciência de que a morte é uma possibilidade que espreita o futuro dos dois. Romeu, Julieta e Werther estão dispostos a arriscar tudo por viver a felicidade de estar com o ser amado e isso traz uma reflexão: o que ainda era importante para eles além do amor da pessoa amada?

Werther tinha dois amigos com quem compartilhava a vida, Charlotte e Albert, a mulher que amava e o marido dela, sua mãe com quem não se comunicava e seu amigo Wilhelm, com quem se correspondia frequentemente, mas quem não via há algum tempo. Quando perdeu Charlotte, Werther também perdeu o único círculo de pessoas com quem convivia, daí a ideia de que não foi só pela falta do amor de Charlotte que ele decidiu morrer.

Romeu estava exilado de Verona, longe da família e dos amigos, havia acabado de perder seu melhor amigo e havia se transformado em um assassino. Julieta vivia sobre regras rígidas por ser mulher na idade de casar, estava noiva de um homem o qual não simpatizava e corria o risco de ir contra as leis de Deus ao ter que se submeter a um segundo casamento. O contexto em que Romeu e Julieta viviam também não era favorável à ambos, logo, quando um perdeu o outro, a morte se apresentou. O estopim do sofrimento dos amantes aconteceu.

##### 5. Quinta categoria: “Tolerância à frustração”:

“[...] quando ela fala do noivo, com tamanho calor e amor -, é como se eu fosse alguém que perdesse todas as honras e dignidades, e de quem se tomou a espada [...] me joguei no chão, chorei tudo que tinha de chorar [...] Não há esperança, não há remédio, não há socorro! [...] Quero morrer se o que ides dizer não menciona o remédio!”

Nessa categoria, atento para o fato de que Romeu, Julieta e Werther são submetidos a muitas situações em que precisam lidar com a dor, contudo, em nenhum momento anterior foram ensinados a lidar com essa dor. Romeu e Julieta são filhos da realeza de Verona, sempre tiveram suas vontades e desejos atendidos de prontidão, pelo que indica a obra de Shakespeare; Não possuímos muitas informações de Werther antes de conhecer Charlotte, mas ele aparenta ser alguém de posses que conseguia resolver os contratempos sem muito esforço, pois decidiu viajar pelo mundo em busca de um lugar para ser feliz e até então não havia se vinculado em lugar algum. Quando as adversidades se fizeram presentes na vida dos três heróis e eles não conseguiram evitá-las ou fugir delas, a frustração os consumiu. O repertório de enfrentamento dos personagens era baixo, o que contribuiu para que a magnitude do que eles estavam enfrentando fosse ampliada.

6. Sexta categoria: “Suicídio como único fim plausível”:

“Ah, de braços abertos, diante do abismo, respirava fitando as profundezas! E me perdi na volúpia de ali precipitar meus tormentos, meu sofrimento! Bramindo até lá como as ondas! [...] Como gostaria de ter renunciado à minha existência e rasgar as nuvens e sublevar as águas em companhia daquele vento! [...] Vem cordial e não veneno, vem comigo para o túmulo de Julieta. Lá deverei servir-me de ti [...] E com este punhal acabarei de imediato com minha alma! [...] Esta é a tua bainha! Enferruja-te aqui e deixa-me falecer!”

“*Romeu e Julieta*” e “*Os sofrimentos do Jovem Werther*” chegam ao fim com a decisão dos personagens principais de tirar a própria vida por não conseguirem realizar o desejo de viver o amor que sentiam. Werther, Romeu e Julieta veem no suicídio a única forma de se libertar da tamanha dor que seus corações sentem. Tudo que acontece parece justificar a decisão final de suicídio dos protagonistas e a coragem de acabar com a dor é aclamada. De modo que se perde a essência do ato suicida, que é um ato de desespero, um grito de socorro de uma alma que não via mais saída para a plena existência.

Romeu e Julieta, assim como Werther idealizaram a pessoa amada, assim como o possível futuro ao lado delas. Devido às proibições impostas pela família ou pela sociedade esse ideal de futuro foi destruído e só restou o

ideal do ser amado que os fazia ter esperança de conseguir um dia retomar o futuro que almejavam, porém, as restrições se mostraram cada vez mais presentes e pelo baixo repertório de enfrentamento dos personagens, eles se viram presos em uma bolha de sofrimento da qual não havia saída, ou pelo menos eles não viam saída alguma. Pois, além da perda da esperança na felicidade ao lado de quem amavam, os nossos heróis viviam em um contexto negativo que não favorecia alternativas de felicidade além daquelas com a pessoa amada. Logo, o suicídio pareceu a única opção de liberdade e no ápice do sofrimento, Romeu, Julieta e Werther optaram pela morte, em uma decisão extrema e desesperada, acreditando que sua ação era nobre, no caso de Romeu e Julieta, e natural, no caso de Werther.

O percurso de dor vivido pelos personagens foi transformado em história a ser admirada, daí a ideia de romantização e admiração da morte como algo que demonstraria uma prova de amor. A proposta da pesquisa não é a de negar a beleza que há em ambas as obras, mas a de reconhecer que o suicídio traz consigo a compreensão de que uma alma desesperada deixou o mundo, e não apenas que um guerreiro esgotou suas estratégias.

### **Considerações Finais**

Este trabalho se propôs a explicar sobre a visão que se tem da temática do suicídio a partir de obras de referência romântica. Foi possível perceber que as obras românticas, especificamente “Romeu e Julieta” e “Os sofrimentos do Jovem Werther”, apresentam o suicídio como um ato desesperado e motivado pela falta do amor, o que não deixa de ser factual, contudo, a apresentação que se faz do suicídio nessas obras nos leva a uma percepção errônea de que o suicídio é admirável, natural e nobre.

É necessário compreender toda a dimensão do ato suicida, para que se desconstrua a percepção de que ele é um resultado inevitável. O suicídio é consequência de um contexto negativo a que o sujeito é submetido, mas a situação pode ser redirecionada com os devidos encaminhamentos.

Este trabalho permitiu o esclarecimento da concepção de suicídio relacionado ao Romantismo, pois por vezes considerei nobres as ações dos protagonistas suicidas, de modo que o real sofrimento que os levou ao ato não era puramente percebido. Desenvolver esta análise contribuiu para o entendimento do suicídio como um ato de dor e desespero, além da compreensão de que o suicídio tem causa multifatorial, ou seja, é determinado por diversos fatores de diferentes ordens, que atingem um único indivíduo e o fazem tomar a decisão de desistir da vida.

Por fim, o Romantismo apresentado aqui nos leva a analisar a existência da relação entre este romantismo e o desejo pela morte. Defendo que os sentimentos exagerados característicos da primeira geração do romantismo e o pessimismo, característico da segunda geração, bem como o individualismo e o subjetivismo, direcionam os personagens para um espaço de frustração constante, pela intensa sensibilidade e pela incapacidade de lidar com o desapontamento frente às expectativas fracassadas. Logo, é perceptível que os personagens desejam a morte com intensidade por ela se apresentar como única fuga das decepções que os dominam.

#### **REFERÊNCIAS:**

- ARIÈS, P. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981
- BRAGA, L. L. & DELL'ÁGLIO, D. D. *Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero*. *Contextos Clínicos*, 6(1) 2-14, 2013.
- BUENO, F. S. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. 2 ed. São Paulo: FTD, 2007.
- CARLOS, F. P. & D'AGORD, M. R. L. *O lugar obscuro do suicídio*. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.* São Paulo, v. 19, n. 1, p. 43-56, 2016.
- COSTA, S. *Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia*. *Novos estudos CEBRAP*, (73), 111-124, 2005. <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002005000300008>
- FERREIRA, J. *Romances Amatórios: Literatura e Suicídio na Bahia nos meados do século XIX*. *Rev. de História e Estudos Culturais*. Bahia. n. 3, vol. 5, a. V, julho/agosto/setembro, 2008.

- FERREIRA, J. F. V. *Romantismo: A Formação da Literatura Brasileira*. Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas. Minas Gerais, n.2, ano1, 2012.
- GOETHE, J. W. V. *Os sofrimentos do Jovem Werther*. São Paulo: Martin Claret, 2014.
- GUINSBURG, J. *O Romantismo*. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MORAES, R. *Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva*. *Ciência & Educação*, v.9, n. 2, p.191-211, 2003.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. *Análise textual discursiva: processo construído de múltiplas faces*. *Ciência & Educação*, v.12, n.1, p.117-128, 2006.
- PETRY, C. N. *O suicídio na Literatura*. Santa Cruz do Sul. v. 37 n.62, p. 235-241, jan.-jun, 2012.
- PINHO, M. X. "A morte da amada": *Do luto romântico ou da morte como bom encontro*. *Stylus Revista de Psicanálise*. Rio de Janeiro. n 32, p. 53-64, 2016.
- RIBEIRO, R. A. O. S. *Romantismo: Contextualização Histórica e das Artes*. 90f. Dissertação de Mestrado – Instituto Politécnico de Castelo Branco, Escola Superior de Artes Aplicadas, 2010.
- SAMPAIO, D. & AMÂNCIO, L. & OLIVEIRA, A. *Arriscar morrer para sobreviver: Olhar sobre o suicídio adolescente*. *Análise Psicológica*. 4(XIX)509-512, 2001.
- SHAKESPEARE, W. *Romeu e Julieta*. 5ª Ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- SILVA, M. M. da. *Suicídio – Trama da Comunicação*. 2017. 134f. Dissertação de Mestrado – Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2017.
- TEIXEIRA, C, M, F, S. *A escola como espaço de prevenção ao suicídio de adolescentes – relato de experiência*. *Curso ministrado no X Simpósio de Estudos e Pesquisas da Faculdade de Educação da UFG*, de 27 a 28 de agosto de 2001 – Goiânia (GO)
- VACCARI, U. R. *Um Inimigo do Povo: o Livre-Pensador e o Suicídio*. *Trans/Form/Ação*, Marília. v. 39, n. spe, p. 173-190, 2016.
- VIEIRA, M. S. *A Ars Erótica em Medeia e Romeu e Julieta*. *European Review of Artistic Studies*. vol. 5, n. 4, pp. 17-31, 2014.